# As Sociedades Musicais Francesas do início do século XX: ideal nacionalista ou independência artística?

Danieli Verônica Longo Benedetti (USP, UNICSUL, FAPESP)

**Resumo:** Fundamentado em material coletado na Biblioteca Nacional da França, o presente artigo faz um breve relato sobre a criação das Sociedades Musicais Francesas no início do século XX e uma reflexão sobre suas ideologias e consequências. Responsáveis por ditar o rumo da vida musical francesa durante um período significativo da história, estes agrupamentos fomentariam um debate que se revelaria fundamental na formação de um novo pensar musical.

**Palavras-chave**: música francesa; sociedades musicais; nacionalismo.

**Abstract:** Based on material collected at the *Bibliothèque Nationale de France*, this article recounts briefly the creation of Musical Societies in France during the early twentieth century, reflecting on their ideologies and consequences. Setting the course of French musical life during a significant period of history, these groups would stimulate a debate that would be proven crucial in the formation of a new musical thinking.

**Keywords**: French music; music societies; nationalism.

BENEDETTI, Danieli Verônica Longo. As Sociedades Musicais Francesas do início do século XX: ideal nacionalista ou independência artística? *Opus*, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 102-112, dez. 2010.

O surgimento de sociedades musicais movimentou todo o meio musical francês do final do século XIX até a segunda década do século XX e constituiu um importante aparelho ideológico dentro do movimento nacionalista iniciado com a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana de 1871. A partir de então, devido às perdas humanas e territoriais, os franceses passaram a cultivar um forte sentimento de vingança em relação aos países inimigos, e os movimentos Revanchista e Nacionalista influenciariam toda uma geração até a declaração da Primeira Grande Guerra em 1914.

Foi em busca de uma música dotada de um caráter autenticamente nacional que, em 25 de fevereiro de 1871, em meio a um conflito que despertaria uma nova consciência e determinação à nação francesa, um grupo de músicos – entre os quais César Franck, Camille Saint-Saëns, Romain Bussine e Gabriel Fauré – fundou a *Societé Nationale de Musique*. Com a inscrição "*Ars Gallica*" no interior de seu brasão, o objetivo principal desta sociedade musical seria o de apoiar os compositores franceses e encorajar o despertar de um pensamento musical independente, sobretudo liberto de todo tipo de influência vinda da tradição germânica.

A *Societé Nationale de Musique* era administrada por um comitê, responsável, entre outras funções, pela organização de temporadas anuais de concertos. As atividades dirigiam-se a um público restrito formado por amadores, músicos e compositores, na maioria membros da sociedade.

Para a seleção das obras apresentadas, os compositores eram convidados a submeter algumas de suas obras, que seriam analisadas e avaliadas pelo comitê de leitura. Assim, em 17 de novembro de 1871 acontecia o primeiro concerto, no qual foram apresentadas obras de César Franck, Théodore Dubois, Aléxis de Castillon, Jules Massenet e Saint Saëns, todos membros da sociedade. Conhecida somente entre os compositores, em seus primeiros anos de funcionamento, a *Societé Nationale de Musique* teve dificuldades para ser reconhecida pelo público e pela imprensa e, durante sua primeira década de existência, o público seria formado essencialmente por seus membros e convidados.

Em 1873 o maestro Eduard Colonne funda os concertos da associação artística, chamados de *Concerts Colonne*, dirigindo e dando a oportunidade aos jovens compositores de apresentarem suas obras sinfônicas. Vários compositores, membros e músicos, ofereciam gratuitamente seus serviços de intérpretes à *Societé Nationale de Musique,* que conseguia se manter pela causa.

Assim, preocupado com o futuro da *Societé National*, em 27 de novembro de 1880 Camille Saint Saëns escreve um longo artigo publicado pelo jornal *Le Voltaire*. Transcrevo e traduzo algumas passagens do artigo intitulado "La Societé Nationale de Musique":

Não faz muito tempo, quinze anos talvez, um compositor francês que tivesse a audácia de se aventurar sobre o terreno da música instrumental não tinha outro meio de fazer executar suas obras a não ser realizando ele mesmo um concerto, convidando seus amigos e a crítica. Quanto ao público, ao verdadeiro público, não adiantava sonhar; o nome de um compositor francês e vivo, impresso sobre um cartaz tinha a propriedade de colocar todos em fuga.

As sociedades de música de câmara admitiam em seus programas somente os nomes resplandecentes de Beethoven, Mozart, Haydn e Mendelssohn, algumas vezes Schumann para fazer prova de audácia.

[...] Foi então que dois músicos, fortemente apaixonados pela música clássica e sem sombra de dúvida pelas escolas estrangeiras, mas antes de tudo francesa, viram o perigo, uniram-se em seus temores, e procuraram um meio de remediar o mal. Um desses músicos era o Sr. Romain Bussine, hoje professor de canto no Conservatório; o outro, o autor deste artigo.

[...] Durante a idealização de nossos projetos é declarada a guerra. Longe de nos abater, ela nos demonstra ainda mais a necessidade de trabalhar pela nossa obra, e, no dia 25 de fevereiro de 1871, a *Societé Nationale* foi fundada.

No dia 17 de novembro do mesmo ano, aconteceu a primeira audição nos salões da *Maison Pleyel, Rue de Richelieu*, graciosamente colocada à disposição pelo Sr. Wolff. Esta primeira audição teve um grande sucesso, as adesões à sociedade vieram em multidão, e as audições sucederam-se rapidamente, composta exclusivamente por obras dos membros da sociedade. No meio da temporada, o comitê teve a ideia de dar uma sessão extraordinária com as obras que tinham obtido maior sucesso nas audições precedentes, e convidar os notáveis do mundo musical.

O efeito desta sessão foi prodigioso. O ilustre auditório não escondia a surpresa. Podíamos então realizar um programa interessante com novas composições, assinadas com nomes franceses!

[...] Portanto a *Societé Nationale* tem um grande problema; ela não é rica, e a modicidade de seus recursos não lhe permite manifestações brilhantes e dispendiosas. Sobre três audições com orquestra, que realiza cada ano, duas são devidas à generosidade das *Maisons Pleyel* e *Érard*. Somente duas vezes, em 1872 e em 1875, o Ministério das Belas-Artes concedeu uma pequena subvenção.

[...] E portanto, a medida que a escola francesa se desenvolve, torna-se cada vez mais útil que seus membros tenham a disposição os meios para fazer escutar suas obras [...] É um novo objetivo a ser atingido pela *Societé Nationale*. Ela atingirá e tomará uma grande extensão, ou então ela morrerá, sem ter atingido o objetivo que se propôs inicialmente. Porém, aconteça o que acontecer, ela poderá dizer que não foi inútil, e que trabalhou com frutos, na medida de suas possibilidades, pelo desenvolvimento da Escola Francesa.

*Camille Saint-Saëns*

Restritos apenas à apresentação de compositores franceses na programação de seus concertos, a partir de 1880, devido às várias repetições de obras e de compositores já selecionados pelo comitê de leitura, abrir-se-ia um debate sobre a introdução de obras de compositores estrangeiros nos programas da *Societé Nationale de Musique*. Porém, somente em novembro de 1886 a medida seria adotada. Apresentado à assembleia pelo compositor Vincent d´Indy, o projeto previa incluir obras estrangeiras assim como obras de compositores franceses, já falecidos ou não, que não fizessem parte da *Societé*. Esta importante modificação do objetivo da sociedade faz com que dois membros fundadores, radicalmente contra a proposta, deixassem a sociedade, Romain Bussine e Camille Saint Saëns. A presidência seria então ocupada por César Franck, enquanto Vincent d´Indy e Ernest Chausson ocupariam os cargos de secretários. Com essa modificação, as obras dos compositores amadores seriam substituídas por obras de compositores estrangeiros como Rimsky-Korsakov, Isaac Albéniz, Johannes Brahms, Edvard Grieg e ainda os ancestrais franceses esquecidos durante o século XVIII Jean-Philippe Rameau e François Couperin.

A chegada de novos membros – entre os quais Claude Debussy, Florent Schmitt e Maurice Ravel – seria decisiva para uma nova fase dentro da Instituição. Porém a chegada destes jovens compositores evidenciaria uma distância considerável no entendimento musical, entre o novo grupo de membros ativos e os membros mais antigos que asseguravam o funcionamento da Sociedade.

Outro acontecimento relevante foi a fundação, em 1894, da *Schola Cantorum*, pelo então presidente da *Societé National de Musique,* Vincent d´Indy, Charles Bordes e o organista Alexandre Guilmant. Alimentada pelo ideal do mestre César Franck, na busca de uma expressão autenticamente nacional, esta escola colocar-se-ia como rival do Conservatório, instituição responsável pela formação da maioria dos compositores membros da *Societé National,* porém estimado "prosaicamente republicano" (MARNAT, 1986: 110).

O objetivo inicial da recém fundada instituição era o ensino da música antiga religiosa e a volta da tradição gregoriana de execução do cantochão. A *Schola Cantorum* teve o mérito de redescobrir a música antiga e os mestres franceses do século XVIII, que teriam marcado a História da Música com uma escola nacional e que seriam esquecidos durante o século XIX, dominado por compositores alemães. Assim, por meio de uma pedagogia extremamente metódica, tendo como base os preceitos tirados das obras do mestre César Franck, a *Schola Cantorum* atrairia futuros nomes da música como Isaac Albéniz, Paul Dukas e Érik Satie. Durante muitos anos a *Schola* manteve seu império sobre a música francesa, mesmo se algumas críticas fossem feitas em relação à sua metodologia de ensino:

> A *Schola Cantorum* atendia sem dúvida às necessidades de uma época, pois seus alunos afluíram para uma abertura, atirados pela promessa de aprenderem não somente a música religiosa mas também, aos cuidados do Sr. Vincent d´Indy, a composição musical, seguindo a progressão de cada gênero desde a sua origem, explicando os processos através das obras, fundamentando sempre o exemplo ao preceito [...] Eu gostaria de ter aprendido harmonia, mas essa disciplina não é ensinada na Schola. O contraponto deveria ser suficiente, como aos músicos da Idade Média. É ao Sr. Vincent d´Indy, penso eu, que deve ser responsabilizado por este arcaísmo no qual encontramos muitas outras provas em seu Curso de composição hoje publicado [...]. Pela falta de prática de se exercitar em harmonia, todos os músicos saídos da Schola, mesmo os que fizeram um nome, sofrem de um desacerto característico no encadeamento dos acordes e de modulações. (LALOY, 1928: 111)

A *Schola* cria também sua própria casa editora, para o trabalho de edição das obras de seus alunos e das composições aprovadas pelo comitê de leitura da *Societé Nationale de Musique* que também teria suas atividades de concertos organizadas pela *Schola*; logo, as duas instituições trabalhariam juntas tendo em comum os mesmos objetivos.

Numerosas primeiras audições aconteceram sob a égide da *Schola Cantorum* e no concerto inaugural, em 23 de dezembro de 1894, o *Prélude á l´après midi d´um faune* de Claude Debussy teria sua estreia, sob a direção do maestro suíço Gustave Doret.

Esta aliança entre as duas Instituições teria como consequência natural uma presença cada vez mais marcante de professores e alunos da *Schola* como integrantes e ativos dentro da *Societé Nationale*, e consequentemente a um favorecimento de seus alunos, por parte do comitê de organização, nos concertos realizados. Tal fato levaria ainda a uma modificação em relação às tendências estéticas que prevaleciam até então.

Dessa forma, de sua fundação até o ano de 1909, a *Societé Nationale* foi a principal sociedade parisiense a defender a criação musical francesa. O descontentamento de uma nova geração de compositores, entre os quais Maurice Ravel, Charles Koechlin e Florent Schmitt, em relação ao número crescente, dentro da *Societé*, de membros e de obras apresentadas pelos alunos da *Schola Cantorum* seria responsável pela ação de um novo agrupamento capaz de questionar e perturbar tal hegemonia. Após serem recusadas, pelo comitê da *Societé Nationale*, várias obras de Ravel e de dois de seus alunos, Maurice Delage e Vaughan Williams, o compositor deixa a *Societé Nationale* e funda uma nova sociedade dita independente, na qual o principal objetivo seria divulgar uma música contemporânea livre de qualquer imposição quanto aos gêneros e estilos das obras produzidas e apresentadas pela

sociedade rival.

Idealizada e liderada por Maurice Ravel a presidência da *Societé Musicale Indépendente* seria estrategicamente confiada a Gabriel Fauré, na época professor de composição do Conservatório e, juntamente com seus discípulos, Charles Koechlin, Louis Aubert, Roger Ducasse, Emile Vuillermoz e dos críticos defensores de Maurice Ravel, Louis Laloy e Jean Marnold, lutariam por uma maior abertura de espírito e para que a música francesa refletisse as tendências de uma época e pudesse igualmente conhecer as tendências musicais vindas de outras culturas.

O concerto inaugural acontece somente no ano seguinte, 20 de abril de 1910, na *Salle Gaveau,* e propõe criações de Maurice Delage, Roger Ducasse, Claude Debussy,[1] do próprio Maurice Ravel e ainda do húngaro Zoltan Kodály, comprovando assim os ideais da nova Sociedade.

O sucesso e a repercussão causados pela nova sociedade, aliado às dificuldades financeiras enfrentadas durante os anos da Primeira Grande Guerra, seriam responsáveis pela ideia de uma possível fusão entre a *Societé Nationale de Musique* e a *Societé Musicale Indépendente,* discutida em um encontro entre os representantes das duas sociedades no dia 17 de dezembro de 1917. A iniciativa partiria do compositor Gabriel Fauré, que nesse momento encontrava-se na presidência das duas sociedades. Porém Nacionais e Independentes discordam. Vincent d´Indy, nome de peso dentro da *Societé Nationale,* em uma carta ao amigo Auguste Sérieux, em 18 de dezembro de 1917, expõe as razões desse fracasso:

> ... Não deu certo, Ravel, Koechlin, Grovlez, Casadesus e Cie recusaram, em nome de sua "Estética"??? ... que não pode ser a mesma que a nossa – Eu confesso que isso me pareceu tão engraçado que estou rindo até agora ... Somente o pobre Fauré está triste e gostaria de se sair bem desta situação SMI. Eu me diverti. (ORENSTEIN, 1989: 530)

Este fracasso, que aos olhos da *Societé Musicale Indépendente* não tinha nada de cômico, inspira o artigo intitulado "Esthetique?",[2] publicado pelo *Le Courrier Musical* de 15 de

[1] Ravel ao piano foi o responsável pela primeira audição de *D´un cahiers d´exquisses*, peça de Debussy composta em 1903 e até então desconhecida.

[2] *Courrier Musical*, 15 fev. 1917, p. 79-80.

fevereiro de 1917, no qual Charles Koechlin responde publicamente as censuras de Vincent d´Indy em artigo intitulado "Esthetique"[3] publicado pela mesma revista em número anterior datado de 15 de janeiro de 1917. Segue trecho do artigo "Esthetique?":

> ... Com o Sr. D´Indy, com Giacomo Rossini, eu repetiria então: "Existem somente dois tipos de música: a boa e a ruim".
>
> ... E esta conclusão me leva às palavras pronunciadas durante esta sessão histórica que reuniu os membros dos comitês da *Societé Nationale* e da SMI [*Societé Musicale Indépendente*]. Eu havia insistido sobre isso: de uma parte e da outra, nós não temos os mesmos gostos. O que não foi nenhuma descoberta: me parece que todo mundo, antes da guerra, já sabia isso. As melhores intenções (que nós temos), e as mais belas teorias, não impediriam os fatos: obras aceitas pela *Nationale* foram recusadas por nosso júri na SMI; e seria muito fácil para mim citar as obras orquestrais (tocadas pela SMI) descartadas pelo comitê da *Nationale* (vocês prefeririam alguns compositores nos quais a musicalidade nos pareceu duvidosa).
>
> O cisma [provavelmente referindo-se aos membros da *Schola Cantorum* que eram os mesmo da *Societé Nationale*] era muito lógico. [...]
>
> *Charles Koechlin*

A sociedade musical francesa assistiria ainda a outra manifestação de índole nacionalista, porém esta bem mais radical. Pouco antes da tentativa de fusão entre as duas sociedades rivais, alguns dos membros da *Societé Nationale*, com o claro objetivo de proteger a música francesa contra a invasão de compositores dos países inimigos, criaria a *Ligue Nationale pour la défense de la Musique Française*. Liderada por Vincent d´Indy, ao lado do antigo diretor do conservatório Théodore Dubois, Camile Saint Saëns, Gustave Charpentier, Xavier Leroux e Charles Lecocq idealizaram a notícia e o estatuto de adesão que seria documentado e enviado a toda comunidade musical francesa. Durante estágio de pesquisa na Biblioteca Nacional da França – BNF foi possível acessar esse importante documento, que curiosamente se encontra catalogado junto à correspondência de Maurice Ravel. A notícia e o estatuto de adesão da Liga Nacional foram enviados ao compositor, enquanto servia como soldado em seu projeto patriótico de defender seu país.[4] Em uma

[3] *Courrier Musical*, 15 jan. 1917, p. 25-26.

[4] A reprodução deste documento (*BNF. Mu. L.a. Ravel 188, vol. 89*) encontra-se anexo à Tese de Doutorado *Le Tombeau de Couperin (1914-1917) de Maurice Ravel: obra de uma guerra*, de minha autoria. A integral do documento assim como a resposta do compositor Maurice Ravel

longa carta enviada como resposta a este convite de adesão Ravel explica suas razões pelo fato de recusar sua participação ao movimento em questão:

> [...] Desculpem-me também por não poder aderir ao vosso Estatuto. A leitura atenta desta e de vossa Notícia me obriga a recusar tal adesão.
>
> Bem entendido, eu posso somente louvar vossa "ideia fixa do triunfo da Pátria", que persegue a mim mesmo desde o início das hostilidades. Consequentemente, eu aprovo plenamente a "necessidade de ação" de onde nasceu a Liga Nacional. Esta necessidade de ação me é tão intensa que me fez deixar a vida civil, quando nada me obrigava.
>
> Onde eu não posso vos seguir, é quando vocês questionam que "a função da Arte Musical é econômica e social". Até então eu nunca havia considerado a música nem as outras artes dessa forma.
>
> [...] Não acredito que para a "salvaguarda do nosso patrimônio artístico nacional" seja necessário "proibir a execução pública na França das obras alemãs e austríacas contemporâneas, não tombadas pelo domínio público".
>
> "Se não é questão de repudiar, para nós e para as jovens gerações, o clássico que constitui um dos monumentos imortais da humanidade", deve ser ainda menos questão "de afastar de nosso território, por muito tempo", as obras interessantes, chamadas talvez a constituir em seu tempo monumentos, e aos quais, aguardando, poderíamos tirar um ensinamento útil.
>
> Seria até mesmo perigoso para os compositores franceses ignorar sistematicamente as produções de nossos camaradas estrangeiros e de formar assim uma espécie de companhia nacional: nossa arte musical, tão rica na época atual, não tardaria a degenerar, a se fechar em fórmulas banais.
>
> Pouco me importa que o Sr. Schönberg, por exemplo, seja de nacionalidade austríaca. Ele não deixa de ser um músico de grande valor, cujas pesquisas plenas de interesse tiveram uma feliz influência sobre alguns compositores aliados, e mesmo entre nós. Estou encantado que os senhores Bartók, Kodály e discípulos sejam húngaros e o manifestem em suas obras com tanto gosto.
>
> [...] Por outro lado, não acredito que seja necessário fazer predominar na França e de propagar no estrangeiro toda música francesa, qual que seja o seu valor.

---

foram traduzidos e fazem parte do corpo do trabalho em questão. Na Fig. 1 a primeira da página do Estatuto da *Ligue Nationale pour la défense de la Musique Française.*

> Vejam, Senhores, que sobre vários pontos minha opinião é assaz diferente da vossa, para que eu possa me permitir a honra de figurar entre vós.
>
> Espero todavia continuar a "fazer ato de Francês" e "contar entre os que serão lembrados".
>
> Queiram acreditar, Senhores, a expressão de meus distintos sentimentos.
>
> Maurice Ravel (ORENSTEIN, 1989: 156)

Dessa forma, com a criação da *Ligue Nationale pour la défense de la Musique Française,* uma luta seria travada na França da ante guerra pela independência artística e esta viria degenerar, durante a guerra, em estreito chauvinismo. O movimento proíbe assim as representações de obras de compositores contemporâneos ou recentes, pertencentes aos países inimigos. Este chauvinismo militante atacaria até mesmo compositores como Beethoven e Wagner. Todas as edições alemãs são retiradas do mercado e o editor Jacques Durand, com a colaboração de Camille Saint-Saëns, Paul Dukas, Louis Diémer, Gabriel Fauré, Claude Debussy e Maurice Ravel inicia um trabalho de revisão dessas partituras, para que não houvesse nenhum material de edição germânica em uso na França.

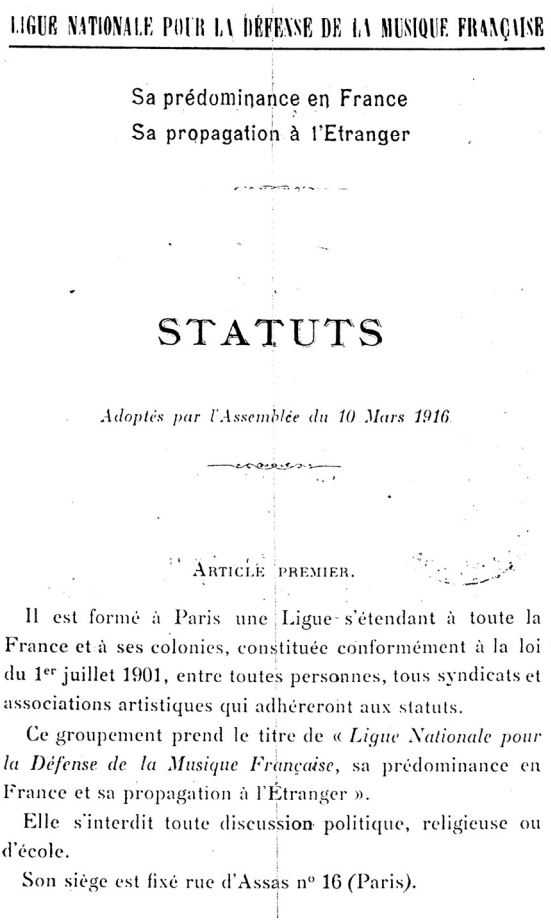
Porém, apesar de seus numerosos partidários, a Liga Nacional pela Defesa da Música Francesa fracassa em seus objetivos e, a partir da primeira temporada de concertos, após a guerra, a música de Wagner e Beethoven voltaria a ser apresentada em território francês.

**Considerações finais**

Com a derrota francesa na Guerra Franco-Prussiana em 1871, toda uma nação seria tomada pelo sentimento da revanche e o nacionalismo moveria cada cidadão francês até a declaração da Primeira Guerra Mundial.

Apesar das divergências ideológicas entre algumas das sociedades abordadas, a criação destas sociedades musicais seria uma das formas encontradas pelos músicos da geração revanchista de se fortalecer para lutar pela valorização e pela criação de uma música dotada de uma identidade nacional, uma vez que o século XIX seria dominado por compositores do país inimigo. Dessa forma, logo após o conflito e no decorrer dos anos que precederam a Primeira Grande Guerra, seriam criadas a *Societé Nationale de Musique - SNM, Schola Cantorum, Societé Musicale Indépendente - SMI* e a *Ligue Nationale pour la défense de la Musique française.*

Esses agrupamentos seriam responsáveis pela criação de importantes obras musicais e por revelarem jovens compositores, entre eles Florent Schmitt, Charles Koechlin, Claude Debussy, Maurice Ravel e Nadia Boulanger. Seriam também responsáveis por deixarem impressas as marcas de um determinado período da História da Música em parte significativa da literatura musical e envolvendo o mundo da música em um debate que se revelaria fundamental para o início de um novo pensar musical.



LIGUE NATIONALE POUR LA DÉFENSE DE LA MUSIQUE FRANÇAISE

Sa prédominance en France
Sa propagation à l'Etranger

STATUTS

*Adoptés par l'Assemblée du 10 Mars 1916*

ARTICLE PREMIER.

Il est formé à Paris une Ligue s'étendant à toute la France et à ses colonies, constituée conformément à la loi du 1er juillet 1901, entre toutes personnes, tous syndicats et associations artistiques qui adhéreront aux statuts.

Ce groupement prend le titre de « *Ligue Nationale pour la Défense de la Musique Française*, sa prédominance en France et sa propagation à l'Étranger ».

Elle s'interdit toute discussion politique, religieuse ou d'école.

Son siège est fixé rue d'Assas nº 16 (Paris).

**Fig. 1:** Primeira página do Estatuto da *Ligue Nationale pour la défense de la Musique Française.*

**Referências**

BENEDETTI, Danieli. *Le Tombeau de Couperin (1914-1917) de Maurice Ravel: obra de uma guerra.* São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Música) Departamento de Música – Universidade de São Paulo.

D'INDY, Vincent. Esthetique. *Le Courrier Musical*. Paris: 15 jan. 1917, p. 25-26.

DUCHESNEAU, Michel. *L'Avant Garde Musicale à Paris de 1871 à 1939*. Hayen: MARDAGA, 1997.

KOECHLIN, Charles. Esthetique? *Le Courrier Musical*. Paris: 15 fev. 1917, p. 79-80.

LALOY, Louis. *La musique retrouvé, 1902-1927*. Paris: Plon, 1928.

MARNAT, Marcel. *Maurice Ravel*. Paris: Fayard, 1986.

SAINT-SAENS, Camille. La Societé Nationale de Musique. *Le Voltaire*. Paris, 27 nov. 1880.

ORENSTEIN, Arbie. *Lettres et entretiens – Maurice Ravel*. Paris: Flammarion, 1989.
http://mediatheque.ircam.fr/HOTES/SNM/ITPR21SAENS.html

**Danieli Verônica Longo Benedetti** é Doutora e Mestre pela ECA/USP. Estudiosa da música francesa do início do século XX, suas pesquisas tratam da influência do contexto histórico nas obras dos compositores Claude Debussy e Maurice Ravel. Bacharel em música, habilitação em instrumento, piano, pela UNESP. Especialista no ensino do piano pela *École Normale de Musique de Paris*, França e em interpretação pianística pelo *Conservatório Nacional de Strasbourg*, França. Professora do curso de música da Universidade Cruzeiro do Sul, atualmente em licença, desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado no Departamento de Música da ECA/USP, com apoio da FAPESP sobre a criação, ideologias e consequências das Sociedades Musicais Francesas do início do século XX.
danieli-longo@uol.com.br